

# **O OLHAR DA CRIANÇA SOBRE O PAPEL DO PROFESSOR POR MEIO DAS BRINCADEIRAS DE FAZ DE CONTA**

Ana Cristina Loureiro Rabelo – UEPB

anacristina\_loureiro@gmail.com

Maria Adriana Alves de Oliveira – UEPB

adriana.alvesdeoliveira@hotmail.com

Edineide Saturnino de Oliveira – UEPB

edneide\_oliveira\_2010@hotmail.com

## **INTRODUÇÃO**

O advento da pós-modernidade, trouxe consigo diversas transformações e provocou questionamentos sobre a qualidade da educação que a criança recebe. Neste contexto, destacam-se estudos que analisam a formação moral nas escolas em todos os níveis da educação, enfocando aspectos como o desenvolvimento moral do aluno e a participação do professor e da família nesse processo (CAMINO, 2009; DIAS, 2005; SPERB & ARAÚJO, 2009, apud LOUREIRO, 2012).

Teóricos afirmam que as crianças nos primeiros anos de vida estão longe de construir um sistema moral para si, mas indicam que já na pré-escola é possível compreender o sentido do dever por meio das relações de respeito e de afetividade entre educador e educando (PIAGET, 1969; 1977; NUCCI, 2001; DE VRIES E ZAN, 1998, 2003)

De acordo com estudo de Campos (2008) realizado com 8.773 professores da escola básica no Brasil, predominam as relações autoritárias que apresentam “maus comportamentos”. O estudo de Loureiro (2012), realizado junto a educadoras de pré-escolas da cidade de Campina Grande- PB indicou que as participantes adotam práticas educativas predominantemente autoritárias e constroem poucas relações afetivas junto às crianças, apontando para a ausência de diálogo e de reflexão diante dos conflitos vivenciados na escola.

Diante de tais achados empíricos, parece ficar evidente a necessidade de se analisar o ponto de vista da criança sobre o seu professor.

A literatura sobre a pesquisa com crianças (CAMPOS, 2008; ROCHA, 2000; MÜLLER & CARVALHO, 2009), fundamentado nos estudos de Elkonin (1998), Vygotsky (1999) e Corsaro, (2009), apontam a relevância da utilização de brincadeiras de faz de conta como um recurso eficaz para compreender a forma como a criança interpreta suas experiências, elabora sua visão de mundo, reproduz e cria a sua cultura de pares..

Busca-se, portanto, olhar para os diferentes e singulares caminhos percorridos pelas crianças quando se aventuram a objetivar o papel do (a) professor (a), apreendendo como elas interpretam e reproduzem os seus gestos, as suas expressões e os seus modelos de autoridade e suas relações socioafetivas, por meio das brincadeiras de faz de conta.

Identificar o olhar da criança sobre o professor por meio das brincadeiras de faz de conta pode contribuir para a melhoria da qualidade da Educação Infantil, na medida em que fornece subsídio para o (a) professor (a) refletir sobre a sua prática docente, principalmente no que se refere às relações socioafetivas estabelecidas com a criança, considerando o respeito e a autoridade.

## **METODOLOGIA**

Trata-se de uma pesquisa de campo, descritiva, já que o objeto de estudo requer um trabalho voltado para a análise do universo de significados, crenças e valores dos participantes (MINAYO, 2002).

Foram escolhidas duas pré-escolas públicas da cidade de Campina Grande-PB, seguindo o critério de conveniência. Os participantes da pesquisa foram às crianças das pré-escolas supracitadas, com faixa etária entre 4 e 5 anos, em conformidade com a autorização dos pais.

O projeto de pesquisa foi apreciado pelo Comitê de Ética da Universidade Estadual da Paraíba – UEPB, conforme determinação do Conselho Nacional de Saúde, por meio da RESOLUÇÃO 196/1996, obtendo de aprovação imediata.

Para a coleta de dados optou-se pela observação naturalística que, segundo Cozby (2011) propicia o conhecimento da realidade pesquisada, sem categorias pré-definidas, nem hipóteses formuladas anteriormente. Para tanto, utilizou-se como instrumento uma câmera de vídeo, portátil, Sony, com 4 GB de memória.

A partir de um levantamento prévio da rotina das crianças nas pré-escolas, verificou-se a inexistência de “brincadeiras de escolinha” de forma espontânea. Desta forma, solicitou-se que as professoras sugerissem a realização desse tipo de brincadeira, junto às crianças. Ao todo, foram realizadas sete observações, com duração média de vinte minutos, cada, quando foi acordado no grupo que uma criança seria a “professora” e as demais seriam “alunas”. O número de observações seguiu o critério de ponto de saturação dos dados coletados.

Os dados foram analisados semanticamente, conforme as orientações de Danna e Matos (2011) e Bardin (1977). Inicialmente as observações foram transcritas, sendo os cinco minutos iniciais e finais descartados e, logo em seguida, foram identificados os eventos ocorridos a cada minuto. Dentre esses eventos foram identificados os episódios em que a

criança representava “a professora” e, a partir dessa identificação, foram agrupadas as respostas das crianças em categorias, considerando os objetivos da pesquisa. Essas respostas foram devidamente identificadas a partir de suas frequências e percentuais.

## **RESULTADOS E DISCUSSÃO**

Considerando as observações realizadas nas pré-escolas e os objetivos da pesquisa, foi possível categorizar as representações das crianças em relação ao professor, envolvendo conteúdos relativos ao posicionamento físico, à realização das atividades didáticas e aos estilos de interação entre professores e alunos. No entanto, será apresentada aqui apenas a análise daquelas representações que evidenciaram os estilos de interação entre professores e alunos, já que estes são mais diretamente relacionadas à formação moral da criança, conforme os estudos de Baumrind (1996 apud LOUREIRO, 2012). Dessa análise, resultaram as seguintes categorias:

*Estilo autoritário-* referem-se às situações em que as crianças representaram atitudes do professor relativas à imposição de comportamento por meio de ordens, gritos, punições e ameaças, como por exemplo: “Orquídea percebe que as crianças continuam conversando, então ela se levanta, vai até elas, coloca os dedos indicadores nos ouvidos e grita: *Silêncio!*”. Esse tipo de estilo apresentou um percentual de 67,94% das respostas das crianças, quando as crianças representaram o professor agindo diante de situações em que os alunos não faziam o que era solicitado.

*Estilo autoritativo-* agrupam as representações de professor que evidenciam uma postura firme diante dos comportamentos dos alunos, mas tendendo a utilizar o diálogo e a reflexão para fundamentar a necessidade de modificar o comportamento, como por exemplo: “Professora” Flor conversa com Pedro, João, Mateus e Lucas e os meninos, param de conversar, escutando-a. As respostas dos alunos em relação à representação desse tipo de estilo apresentaram um percentual de 32,06%, indicando uma frequência mais baixa do que o estilo autoritário.

O primeiro aspecto a ser discutido a partir dos resultados obtidos, é relativo ao processo de representação da criança. Destacam-se, aqui, as contribuições de Vygotsky (1999) sobre a importância da vivência de papéis, por meio da brincadeira de faz de conta, pois estas propiciam o desenvolvimento da imitação e da imaginação, bem como auxiliam no processo de apropriação da realidade social e cultural da criança. A imitação, como esclarece Oliveira (2011), se constitui a partir da interação da criança com o adulto ou com outras crianças, fornecendo subsídios para a compreensão da forma como foram internalizadas as relações sociais e os mediadores simbólicos nela presentes.

William Corsaro (2009) também argumenta que a criança é um sujeito ativo às influências culturais e não um reprodutor passivo nesse processo. Por meio da brincadeira é possível evidenciar como a criança se apropria das informações do mundo adulto, reproduz e cria a sua cultura de pares, interpretando sua realidade, conforme seus interesses e suas experiências sociais.

Assumindo a perspectiva de Corsaro, Muller e Carvalho (2009) afirmam que a observação das brincadeiras, propicia condições de verificar como as crianças, interagindo com seus pares, realizam suas trocas interpessoais, reproduzem, assimilam, interpretam e produzem cultura. Portanto, ao imitar o professor, a criança demonstra como ela internalizou e ressignificou um papel social, apreendido nas suas experiências sociais e culturais.

Outro aspecto relevante a ser discutido sobre os resultados obtidos por meio das observações, sobre o papel do professor, refere-se à elevada frequência do estilo autoritário, indicando que, para as crianças, os professores impõem regras, limites, punem e controlam seus comportamentos.

De acordo Piaget (1969), a criança, na fase pré-escolar, estabelece relações de heteronomia com o adulto, fundamentadas no respeito unilateral e nas reações socioafetivas, constituídas por sentimentos ambivalentes de amor e temor. No entanto, o teórico suíço também enfatiza que, desde a tenra idade, as relações entre as crianças e os adultos não devem ser autoritárias. Ora, se as crianças apreendem as noções de regras, normas e valores a partir das relações entre elas próprias e os adultos e se estas relações ocorrem de forma autoritária, predomina a hierarquia, a privação de trocas sociais e a tendência ao desenvolvimento da passividade, insegurança e imaturidade.

Seguindo a teoria piagetiana, os trabalhos desenvolvidos por De Vries e Zan (1998, 2003), Vinha e Tognetta (2006) enfocaram a necessidade do professor, na Educação Infantil, adotar práticas educativas fundamentadas no diálogo e na reflexão da criança, sobre suas experiências e situações sociomoraes, vivenciadas na própria escola.

Sendo assim, fica evidente a importância do ambiente escolar democrático, cujo trabalho cooperativo entre professor e aluno promove relações de respeito, contribuindo para a formação sócio-moral, fortalecendo as relações sócio-afetivas da criança e possibilitando o crescimento mútuo. O professor deve proporcionar espaços para o aluno exercer sua própria atividade, questionar e tirar suas conclusões, realizando, assim, seu papel de mediador na construção do conhecimento e autonomia da criança.

## **CONCLUSÃO**

Os resultados e as discussões apresentados evidenciaram que a criança, enquanto um ser ativo e social representa, por meio das brincadeiras de faz de conta, papéis sociais apreendidos a partir das suas relações sociais. Ademais, a análise das representações das crianças sobre o papel do professor, permitiu reflexões acerca das relações sócio-afetivas desenvolvidas entre professores e crianças na Educação Infantil, sendo possível identificar os modelos de autoridade assumidos por eles e os tipos de relações estabelecidas no decorrer das interações em sala de aula, com repercussão direta nas relações de respeito e no processo de formação moral. Vale ressaltar que, apesar de as crianças em momentos de brincadeiras apresentarem aspectos de sua realidade para o plano simbólico, o papel de “professor” representado não necessariamente remete ao professor de sua realidade, mas o modo como esta o percebe, internaliza e vivencia em suas brincadeiras de faz de conta.

Acredita-se que, ao representar prioritariamente o estilo autoritário das professoras, a criança indica como foi apreendido esse papel nas relações com os adultos e com seus pares. Cabe a nós, enquanto educadores e pesquisadores refletirmos sobre a nossa prática pedagógica e, seguindo a perspectiva piagetiana, aprendermos a desenvolver relações democráticas, pautadas no diálogo, na compreensão e no respeito às crianças.

## **REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS**

BARDIN, L. **Análise de Conteúdo**. São Paulo: Martins Fontes, 1977.

CAMPOS, M. M. A Qualidade da Educação sob o Olhar dos Professores. **Instituto de evaluación y Asesoramiento Educativo** (Grupo SM, Espanha). Disponível em: [http://www.oie.es/valores2/PESQUISA\\_SEMINARIOVALORES\\_2008.pdf](http://www.oie.es/valores2/PESQUISA_SEMINARIOVALORES_2008.pdf).

CORSARO, W. A. Reprodução Interpretativa e Cultura de Pares. In: MÜLLER, F.; CARVALHO, A. M. A. **Teoria e Prática na Pesquisa com as Crianças**. São Paulo: Cortez, 2009, p. 31-50.

COZBY, P. C. **Métodos de Pesquisa em Ciências do Comportamento**. 5. ed. Trad. Paula Inez Cunha Gomide, Emma Otta. São Paulo: Atlas, 2011.

DANNA, M. F.; MATOS, M. A. **Aprendendo a Observar**. 2 ed. São Paulo: EDICON, 2011.

DE VRIES, R.; ZAN, B. **A Ética na Educação Infantil: o ambiente sócio-moral da escola**. Porto Alegre: Artes Médicas, 1998.

DE VRIES, R. **Currículo Construtivista na Educação Infantil**. Porto Alegre: Artmed, 2003.

DIAS, A. A. Educação Moral e Autonomia na Educação Infantil: o que pensam os professores. **Psicologia: Reflexão e Crítica**, v. 18, 370-380, 2005.

ELKONIN, D. B. **Psicologia do Jogo**. São Paulo: ED. Livraria Martins Fontes, 1998.

LOUREIRO, A. C. R. **Formação de Valores Morais na Educação Infantil: representações e práticas sociais das professoras**. Tese de doutorado. Universidade Federal da Paraíba, João Pessoa, PB, 2012.

MINAYO, M. C. de S. (org.) **Pesquisa Social: teoria, método e criatividade**. 21ed. Petrópolis, RJ, Vozes, 2002.

NUCCI, L. Education in the moral domain. Cambridge, UK: **Cambridge University Perss**, 2001.

OLIVEIRA, Zilma de Moraes Ramos de. **Jogos de papéis: Um olhar para as brincadeiras infantis**. São Paulo: Cortez, 2011. (cap. 2).

PIAGET, J. **Seis Estudos de Psicologia**. Rio de Janeiro: Forense, 1969.

PIAGET, J. **O Julgamento Moral na Criança**. São Paulo: Editora Mestre Jou, 1977.

ROCHA, Maria S. Pinto de Moura Librandi da. **Não brinco mais: a (des)construção do brincar no cotidiano educacional** – Ijuí: ED. UIJUÍ, 2000. (p. 29-96).

VINHA, Telma Pileggi; TOGNETTA, Luciene Regina Paulino. **Considerações sobre as regras existentes nas classes democráticas e autocráticas**. v. 10, n. 1. jan-abr, 2006.

VYGOTSKY, L. S. **A Formação Social da Mente**. São Paulo: Martins Fontes, 1999.